

---

## O VERANEIO DE ANTIGAMETE: IPANEMA, TRISTEZA E OS CONTORNOS DE UM TEMPO PASSADO NA ZONA SUL DE PORTO ALEGRE (1900 – 1960)

### THE FORMERLY SUMMER: IPANEMA, TRISTEZA AND CONTOURS OF A PAST TIME IN THE SOUTHERN ZONE IN PORTO ALEGRE/RS/BRAZIL (1900 - 1960)

---

Janete da Rocha Machado  
Mestre pelo Curso de História - PUCRS.  
janeterm@gmail.com

**RESUMO:** A proposta deste artigo é analisar a formação e o desenvolvimento de parte da Zona Sul de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, a partir do uso da região para o lazer e veraneio na primeira metade do século vinte. Considerando as águas do Lago Guaíba como espaços de recreação e de descanso, o aproveitamento do local, à beira rio, desencadeou e sedimentou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso de toda a região. A orla do Guaíba, durante muito tempo, foi o local preferido pelos porto-alegrenses que não podiam se deslocar até o litoral, e isso ocasionou um desenvolvimento econômico, motivado pela vinda de grupos que visavam ao lazer. Nesse sentido, será abordada a forma como essas famílias, muitas delas de origem alemã, se apropriaram do local, vivendo e convivendo entre si, transformando a região em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira rio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Zona Sul. Porto Alegre. Veraneio. Urbanização. Desenvolvimento.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze the formation and development of the South Zone of Porto Alegre, capital of Rio Grande do Sul, from the use of the region for leisure and vacation in the first half of the twentieth century. Considering the waters of the Guaiba Lake as spaces for recreation and rest, the use of the site, the waterfront, and sedimented unleashed social and cultural relations that culminated with the progress of the entire region. The edge of Guaiba, for a long time been the preferred location for Porto Alegre who could not travel to the coast, and this led economic development, motivated by the coming of groups aimed at leisure. In this sense, will be addressed how these families, many of them of German origin, appropriated the place, living, living together, transforming the region into a season of rest, summer and sociability to the waterfront.

**KEYWORDS:** South Zone. Porto Alegre. Summer. Urbanization. Development.

Na primeira metade do século vinte, as novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos, tornaram alguns balneários da Zona Sul de Porto Alegre, lugares de veraneio, de descanso e de entretenimento. É

importante salientar que o lago Guaíba foi o grande impulsionador do desenvolvimento da região. Por meio dele, a população descobriu o veraneio em águas doces e próximas ao centro da cidade. Desta forma, criou-se uma prática agradável nos meses mais quentes do ano para aqueles que não podiam viajar longas distâncias até o litoral. As “praias de mar” eram de difícil acesso neste período.

A importância do Guaíba remonta aos primórdios da ocupação de Porto Alegre, pois significou a permanência em suas margens, a solução para garantir a sobrevivência através da pesca e a construção de barcos, oportunizando o acesso a outras vias fluviais. Foi com o rio/lago que começou o povoamento e dali partiu a planificação urbana e a demarcação da cidade. Por isso, o Guaíba e sua cidade marcam, fortemente a memória dos porto-alegrenses, vivendo juntos desde os tempos mais remotos, quando os primeiros habitantes, os índios, chegaram às terras desabitadas do sul do Brasil.

Já naqueles tempos, o lago foi nomeado assim, pois os guaranis o entendiam, sabiamente, como “águas do lugar redondo” ou “Gua-ybe” na língua tupi, que tem o sentido de “baía de todas as águas”. O Guaíba está presente na história da cidade e de seu povo, pois por ele chegaram os primeiros colonizadores sesmeiros, açorianos, viajantes e imigrantes. Navegando em seus afluentes e lagoas, fez-se a comunicação permanente com o mar, desenvolvendo toda a Província do Rio Grande do Sul.

É fato que o veraneio nas margens do lago possibilitou a descoberta da Zona Sul da cidade, região desconhecida até o início do século passado. Os locais escolhidos pelo Porto-Alegrense para atenuar o forte calor do verão foram, primeiramente, os balneários da Tristeza (Pedra Redonda, Vila Conceição e Vila Assunção), deslocamento esse facilitado por uma linha de trem, e, tempos mais tarde, o fluxo maior de banhistas se deu na praia vizinha, o Ipanema. Conforme relembra uma antiga veranista da região, a Sra. Helga Bins Luce (90 anos): “Muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, na Tristeza. Elas faziam isto: a mulher e os filhos ficavam toda a semana, e o marido trabalhava na cidade e vinha em um trenzinho que tinha aqui” (LUCE, 2013).

O “Trenzinho da Tristeza”, como era conhecido, pertencia a Estrada de Ferro do Riacho, porque seu final de linha se situava, inicialmente, à beira do Arroio Dilúvio. Era uma linha ferroviária municipal que percorria, desde o centro de Porto Alegre até a Zona Sul, cerca

de quatorze quilômetros. Inicialmente, a ferrovia foi usada para o transporte de pedras e para o serviço de asseio público da cidade, só mais tarde é que foi utilizada para passageiros e mercadorias, ajudando a desenvolver os arrabaldes mais distantes do centro de Porto Alegre. Em torno de 1912, a linha foi estendida até a Praia da Pedra Redonda servindo para trazer os turistas até as praias da Zona Sul.

O poeta Augusto Meyer resgata momentos deste período quando relembra suas férias:

Alugamos a casa pelo verão daquele tempo, mas, entre janeiro e lá se vai março, íamos ficando e gostando, como à espera do veranico de maio. Daí a uns dias, o trenzinho a esbotar-se lá embaixo, rumo da Pedra Redonda, começava a subir a encosta, distraído e de súbito, logo após a primeira volta do caminho, parava, extasiado (MEYER, 1966:105).

Delimitada geograficamente por morros e arroios, a Zona Sul engloba, atualmente, os seguintes bairros: Vila Assunção, Tristeza, Camaquã, Nonoai, Teresópolis, Vila Nova, Cavallhada, Sétimo Céu, Jardim Isabel, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Serraria e Hípica. Durante muito tempo, os balneários da Tristeza e de Ipanema foram os locais escolhidos para o descanso e o lazer, e isso ocasionou um desenvolvimento econômico motivado pela vinda de pessoas, muitas delas oriundas de imigrantes alemães. Conforme relembra a professora e historiadora Helga Landgraf Piccolo:

A questão é que em um determinado momento a burguesia urbana porto-alegrense, onde avultavam os alemães, vai querer um lugar de veraneio. O mar (Torres) era muito longe. A Tristeza tinha até hotéis, que eram de propriedade dos alemães, todos empresários de origem germânica: donos de hotéis, restaurantes, armazéns e até de transporte coletivo (PICCOLO, 2013).

Ao lembrar de antigos verões na Zona Sul, Piccolo recorda também de momentos da infância e adolescência passados na Vila Conceição, bairro em que reside até hoje. Igualmente conhecida por Ponta dos Cachimbos, a Vila Conceição, durante muito tempo, foi o local por excelência de grupos pertencentes a uma elite de Porto Alegre. Eram famílias que priorizavam a natureza com seus recantos aprazíveis e a convivência com seus pares, os alemães.

As residências eram de veraneio e de moradia. Mas lá embaixo, perto do rio eram mais de veraneio. Lá tem a famosa prainha da Conceição. Nós tomávamos banho nessa prainha. Principalmente porque aqui na nossa região tinha muitos momentos de falta de água e nós descíamos a rua e íamos de toalha e sabonete, todos juntos tomar banho na praia (PICCOLO, 2013).

Figura 1 - Helga Piccolo na Prainha da Conceição/década de 1950



Fonte: Acervo da Família Piccolo.

Os alemães de que fala Helga eram grupos que buscavam o descanso e o lazer à beira do Guaíba e, para isso, mantinham chácaras e confortáveis residências para uso familiar, como é o caso da belíssima vivenda de verão da família Fleischuts, situada no balneário da Pedra Redonda. Atualmente, no local está a sede da associação esportiva da Caixa Econômica Federal.

Figura 2 – casa de veraneio da família Fleischuts na Pedra Redonda/1930



Fonte: acervo de Rita Brugger

Para Martha Elisabeth Dreher<sup>1</sup>, os alemães tinham por hábito a aquisição de terras na região. A Tristeza e Ipanema possuíam muitas chácaras, algumas delas à beira rio, o que tornava a compra ainda mais atraente:

Como aconteceu com muitos porto-alegrenses que não resistiram aos atrativos da hoje denominada Zona Sul, adquirindo sítios ou chácaras nos arredores da Tristeza, também nós, meu marido e eu, acabamos comprando uma área de terras situada defronte à chácara Meyer, pertencente aos descendentes da família de Oscar Bastian Meyer na Pedra Redonda (DREHER, 1970).

Essa aquisição ocorreu nos anos de 1920. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro empurrava a população para a Zona Sul, alterando assim a rotina. Conforme se observa na imagem abaixo, a família de Martha Dreher aproveitando o dia de sol e calor na praia da propriedade.

Figura 3 – A Família Dreher em dia de praia/1940



Fonte: Acervo da Família Dreher.

<sup>1</sup>Martha tinha o pseudônimo de Isabel e a beleza de seus jardins era uma referência na Zona Sul. Na década de 1950, a região dos jardins da Dona Isabel, como era conhecida a chácara da família Dreher, foi loteada e urbanizada. Pelo projeto de lei de 9 de julho de 2009, o loteamento se transformou no bairro Jardim Isabel – uma forma de homenagear Martha Elisabeth Dreher.

A chácara dos Meyer, mencionada em carta por Martha, antes apenas um extenso matagal, tornou-se modelo na região. Localizada no Morro do Sabiá, limites entre a Tristeza e Ipanema, era também conhecida por “Vila Clotilde”. O nome da chácara era uma forma de homenagear as três gerações de mulheres da família. Foi Oscar Bastian Meyer, o primeiro plantador de coníferas da região, arborizando um grande espaço e preservando a magnífica Mata Atlântica. Chamado de louco pelos amigos por ter se enfiado naquele fim de mundo que era a Zona Sul, ele plantou, juntamente com um grupo de jardineiros, toda a grama (relva inglesa) do parque.

A propriedade tornou-se um lugar refinado e bem frequentado quando em 1931 foi notícia nos jornais da época devido a um “Garden party” oferecido a primeira dama do país, Darcy Vargas. Nos fundos do terreno havia a praia particular e no alto do morro avistava-se a linda vivenda. Uma vez que o desejo de Oscar era uma casa de veraneio para a família, o lugar era perfeito e serviu durante muitos anos às gerações dos Meyer

Nasceu nesta chácara de verão, o gosto pelas artes e pela natureza da primeira bailarina clássica do Rio Grande do Sul, Lya Bastian Meyer. Filha de Oscar, Eliane Clotilde Bastian Meyer, mais conhecida por Lya, utilizava os jardins da propriedade para seus ensaios de balé. Tempos mais tarde, já professora, voltou a usar os espaços da chácara para ministrar aulas para suas alunas.

Figura 4 – Família de Oscar Bastian Meyer nos fundos da chácara/1920



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

Outra família que utilizava o Guaíba para recreio era a de José Schmitt Silveira. Proprietária de terras na Zona Sul, a família Silveira aproveitava o recanto à beira rio recebendo amigos e familiares. Na década de 1950, desejoso de uma casa para os fins de semana, Silveira adquiriu uma chácara de veraneio de Francisco Brochado da Rocha. Era uma linda propriedade arborizada à beira rio, perfeita para o descanso e o lazer da família.

Como as terras davam fundos para o rio, o acesso a praia era feito a partir de uma escada de pedras composta de apenas três degraus. Findo esses, a privacidade se fazia por um gracioso portão de madeira que se abria ao Guaíba. Era um cenário de sonhos, um espaço privilegiado de recreio e de descanso usufruído por todos. Nos dias quentes e de sol, o programa preferencial era entrar na água e ficar se divertindo e refrescando-se. Silveira relembra esses momentos:

Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, muitos amigos vinham com a intenção de aproveitar o rio. O Guaíba era balneável e nas suas águas meus filhos mais velhos aprenderam a nadar. Nos dias quentes e de sol, o programa preferencial era entrarem na água e ali ficarem se divertindo e refrescando-se. Dentro do rio, próximas às margens, localizavam-se pedras de diferentes tamanhos e formatos, umas redondas, outras ovais. Mais distante, sobressaía, entre tantas, uma de maior porte, a ‘pedrona’, como nós a denominávamos! (SILVEIRA, 2013).

As denominadas vilas balneárias, entre elas, Assunção, Conceição e Pedra Redonda — que integravam o bairro Tristeza —, foram as primeiras a atrair o porto-alegrense no início do século passado. Além disso, por ser o acesso à praia mais restrito, pois as residências possuíam praia particular, o local abrigava clubes náuticos aonde as pessoas também chegavam por barcos. Havia também um trapiche nas imediações da atual SERGS – Sociedade de Engenharia e que servia para os veranistas que chegavam de vapor.

As finas moradias da Pedra Redonda possuíam também ancoradouros próprios, guarda-barcos e equipamentos para a prática de esportes no rio. Principalmente os alemães buscavam o sol e os prazeres do rio, que se apresentava sempre como um convite para um banho imediato. “Meu avô, Waldemar Bromberg, praticava vela e remo no Guaíba, por isso ele era assim bronzeado. E nós, a terceira geração, também aproveitamos muito o rio” (BROMBERG, 2013).

Figura 5 – Filhos de Waldemar Bromberg aproveitando a praia/1910

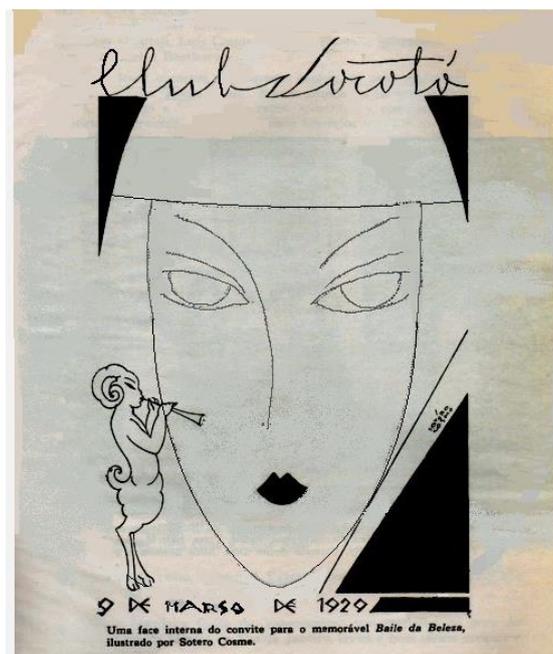


Fonte: Acervo da Família Schmitz.

As belezas da região e as águas limpas do Guaíba fizeram a população buscar as praias da orla sul, pois, conforme Olintho Sanmartin, “a população da cidade procurava recrear-se nos dias de descanso em arrabaldes aprazíveis” (SANMARTIN, 1969: 63). E foram os alemães os principais incentivadores das atividades relacionadas com o veraneio. “A Tristeza sempre foi o alegre arrabalde, para onde se deslocava a nata da sociedade porto-alegrense, a fim de curtir no verão, o banho reanimador do Guaíba despoluído” (PELLIN, 1996: 129). Os grupos que buscavam o arrabalde para veranear eram bem diversificados. Entre eles estavam estudantes, profissionais liberais, intelectuais e empresários. Era um público seletivo que buscava não só as águas limpas do lago para banhos, como também a inspiração que o local propiciava.

Entre os veranistas que no início do século buscavam o bucólico bairro havia estudantes, profissionais liberais como médicos e advogados. Era gente da escola intelectual de Porto Alegre, prosadores, escritores, poetas, que levaram à Tristeza a empolgante vida social e cultural da capital. O Correio do Povo em sucessivas décadas informa que clubes da capital realizavam na Tristeza parte de suas promoções sociais; membros dos clubes veraneavam no balneário. O Clube Jocotó e o Filosofia nasceram na Tristeza (FLORES, 1979: 61).

Figura 6 - Convite do Clube Jocotó



Fonte: SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 123. (Traços reconstituídos pela ilustradora Rita Brugger/2013).

Tempos mais tarde, e como consequência do crescimento da Tristeza e arredores, seria a vez de Ipanema, a praia vizinha, despontar no cenário do verão. Idealizado e criado a partir do empreendedorismo de um grupo de engenheiros na década de 1930, a praia de Ipanema era um dos locais mais procurados pelo porto-alegrense nos meses de verão. A atração maior ficava por conta da grande enseada de águas limpas que se abria ao público como um convite a um banho refrescante.

Quem conta é o professor, historiador e morador do bairro Ipanema desde 1940, Harry Rodrigues Bellomo:

Eram tão limpas que se podiam ver os peixinhos. As pessoas tomavam banho com sabonete. Grupos de esportistas praticavam natação no Guaíba pois, nesse tempo, as águas do rio ainda eram boas, livres dos despejos cloacais, e o Arroio Capivara ainda não poluía a nossa praia (BELLOMO, 2008).

O Capivara, arroio citado pelo historiador, foi, durante muito tempo, o demarcador das terras dos primeiros estancieiros. As águas dele faziam fronteira entre as escassas fazendas e o

lago Guaíba. Dizem os mais antigos que o nome deriva do fato de existirem na região muitas capivaras, animal típico do sul do Brasil, cujo habitat são as proximidades dos rios e arroios.

Maria de Lourdes Mastroberti, frequentadora assídua do Balneário Ipanema, aproveitava os domingos de calor e sol à beira do Guaíba:

A gente ia porque era o lugar que tinha praia. No domingo, a gente saía de manhã bem cedinho e voltava à tarde. Levávamos lanche. E tinha ainda aquelas famosas barraquinhas para se trocar. Eram compridas, tinha uns 2 metros de altura, eram como um cone. Em cima, tinha um cordão que a gente amarrava nas árvores. A gente entrava lá dentro, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô. Tomava-se banho lá (MASTROBERTI, 2010).

Figura 7 - Maria de Lourdes (centro) e amigas na Praia de Ipanema/1953



Fonte: Acervo de Maria de Lourdes Mastroberti.

Com o advento das primeiras estradas asfaltadas, surgem os loteamentos, crescendo a procura por terrenos à beira do lago. O acesso direto por ônibus e a existência de praia pública (diferente de alguns balneários da Tristeza) permitiu que Ipanema fosse procurada por uma classe mais popular. Porém, a compra dos lotes na nova praia foi feita por grupos da classe média, entre eles, profissionais liberais e funcionários públicos, os quais compraram seus terrenos e construíram confortáveis chalés, conforme relembra Gay da Fonseca:

Eram casas de madeira, próprias de verão, mais simples. O Loureiro da Silva tinha encantos por Ipanema. Ele veraneou aqui por dois ou três anos. Ele adorava sentar aqui na varanda da minha casa. Vinha me ver todos os dias quando eu estava veraneando também. Sentávamos no avarandado do chalé para conversar. Ele tinha um projeto de uma avenida que substituísse os trilhos do trem. Ele queira muito alargar isso tudo aqui (FONSECA, 2012).

A partir de um projeto urbanístico moderno, idealizado pelo engenheiro Oswaldo Coufal, surgiu nos anos 1930, uma praia no estilo de Copacabana, no Rio de Janeiro. O projeto previa ruas largas, calçadas e arborizadas, amplas avenidas e a promessa de se transformar na mais agradável estação de veraneio da população. Anúncios publicitários em jornais da época divulgavam a venda dos terrenos: “Balneário Ipanema: terrenos na praia em prestações – sem juros – ruas calçadas e arborizadas e água canalizada. Auto-bonde à porta com magnífica praia de areia” (CORREIO DO POVO, 1931: 15). O nome Ipanema foi uma homenagem do loteador à conhecida praia carioca, local em que Oswaldo Coufal costumava passar férias.

Figura 8 - Anúncios divulgando o Balneário Ipanema/1930



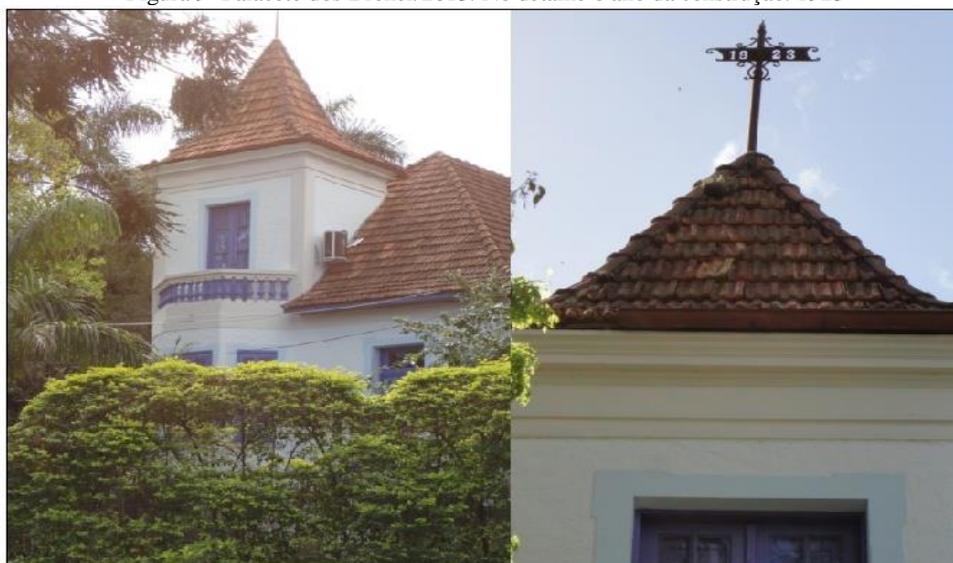
Fonte: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Assim, a venda de terrenos à beira do lago, a construção de lindas vivendas, o embelezamento dos balneários, a administração de hotéis e restaurantes, bem como a melhoria nos meios de transportes se deu por grupos de empreendedores sagazes que souberam ampliar suas fortunas durante os anos vindouros do veraneio.

Sobrenomes como Bier, Daudt, Bercht, Mentz, Dreher, Bromberg, Bins, Ely, Niemeyer, além de Coufal, são lembrados, na Zona Sul, pelas suas magníficas chácaras de verão à beira do Guaíba:

Como meu marido, através de seus negócios, era muito bem relacionado, nossa chácara na Pedra Redonda, vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres lembro o Dr. Getúlio Vargas e da Dona Darcy, o Dr. João Neves da Fontoura, o Daniel Krieger, o Osvaldo Vergara, entre outros (DREHER, 1970).

Figura 9- Palacete dos Dreher/2013. No detalhe o ano da construção: 1923



Fonte: Acervo da Família Dreher.

Em Porto Alegre, a ascensão social de algumas famílias, aliada às novas práticas de lazer, permitiu, ao longo da primeira metade do século vinte, não só o uso de férias em lugares aprazíveis como a Zona Sul, como também o sonho de uma confortável casa de veraneio à beira rio. Os grupos buscavam recreação proporcionada pelo Guaíba e pela região, como andar a cavalo, caçar, pescar, velejar e tomar banhos no rio, desenvolvendo um espaço de sociabilidades. A praia funcionou, desta forma, como um espaço de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade porto-alegrense da época. Por conta dessa elite, ora residente, ora sazonal, o sucesso de algumas praias esteve associado sempre aos incrementos ocorridos no local.

A “casa de praia” da família Bromberg, erguida em torno de 1900 na Pedra Redonda,

ficava à beira rio – possuindo, inclusive, “guarda-barcos” e atracadouro próprio, o que facilitava a prática de esporte dos alemães no Guaíba. A residência de verão de Waldemar Bromberg priorizava espaço e conforto. A vasta cobertura do telhado protegia do forte calor dos meses mais tórridos, proporcionando, assim, bem-estar aos frequentadores da propriedade. O avarandado, típico de casas de veraneio, servia para melhor acomodar a família e aos convidados. Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, a escada de poucos degraus levava até a praia. A chácara também possuía jardins bem ornamentados, árvores centenárias e um piso de grama bem ao estilo alemão.

Figura 10 - Casa de veraneio de Waldemar Bromberg/1906



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

A historiadora Hilda Flores em seus estudos sobre a Zona Sul e o bairro Tristeza (FLORES, 1979), vai dividir o desenvolvimento da região em quatro momentos distintos. O primeiro se daria com a fase da sesmaria (século dezoito), o segundo momento seria o da colonização (século dezenove), o terceiro, a fase balneária (1900 a 1930) e o último, o período de urbanização da região (1930 aos nossos dias). Observa-se, no momento identificado por Flores como da conurbação, uma mudança de cenário, indicando que a Zona Sul deixava para trás seu aspecto mais rural para ingressar numa era de crescimento.

Na realidade, toda a paisagem citadina de Porto Alegre passava por uma significativa transformação, como por exemplo, a remodelação na orla do Guaíba. Porém,

antes disso, em torno do século dezenove, começam a se estruturar as grandes fazendas, definidoras do tipo de ocupação na região e da primeira atividade econômica – a agropecuária. Uma das primeiras fazendas foi a de João Baptista de Magalhães, mais conhecido por Juca Batista. Criando e plantando, o fazendeiro ajudou a desenvolver economicamente a região, na época, apenas uma zona rural. A partir da fazenda de Juca, tem-se, com o decorrer dos anos, a fragmentação de suas terras, originando os primeiros loteamentos e jardins residenciais em Ipanema.

Com o desenvolvimento impulsionado pelo trabalho dos colonos italianos e, posteriormente, alemães, a Tristeza também se desenvolveu. Inicialmente com a agricultura e tempos depois pelos serviços associados ao veraneio. O antigo arrabalde abrangia uma área maior do que a atual, pois incluía os bairros conhecidos hoje por Vila Conceição, Vila Assunção e Pedra Redonda.

O primeiro fazendeiro da região foi José da Silva Guimarães, mais conhecido por Juca Tristeza, fixou moradia na área onde hoje se encontra o bairro Vila Conceição. Instalou-se, com sua família em uma área que logo se consolidou em uma estância. A partir de Juca Tristeza, outros vieram e fizeram da Tristeza o bairro que é hoje.

Assim, a partir do final do século dezenove, nas terras de Juca Tristeza, emergiram os balneários da Pedra Redonda, da Vila Conceição e da Vila Assunção. Na fazenda de Juca Batista, um pouco mais tarde, surgiu o balneário Ipanema a partir do loteamento idealizado e concretizado por Oswaldo Coufal.

Gradativamente, a paisagem antiga da zona balneária sul de Porto Alegre foi se alterando, desdobrando-se em outras formas. Seguindo uma linha do tempo, da antiga sesmaria e das fazendas dos grandes estancieiros, a região cedeu espaço para lindas chácaras e luxuosas vivendas de veraneio. Nesses locais, desenvolveu-se uma infraestrutura voltada ao turismo e ao veraneio, com a construção de hotéis, restaurantes, clubes e a melhoria nos meios de transporte, como o trem e o automóvel.

Aliado a esse novo cenário moderno, o espaço começou a ser recortado por uma arquitetura de influência europeia que contemplava residências de luxo – as imponentes vivendas com praia particular. Eram novos moradores, os quais se configuravam em uma

elite residente, muitas delas oriundas de famílias tradicionais e com poder aquisitivo, as quais desenvolveram suas sociabilidades e negócios à beira rio.

É importante que se diga ainda que o momento era de mudanças no espaço urbano da cidade, pois com a administração de Alberto Bins (1928 – 1937), acelera-se a comunicação do centro com os bairros mais distantes como os da Zona Sul. A mudança do cenário também indicava que o local deixava para trás seu aspecto mais rural, ingressando numa era de urbanização e desenvolvimento.

Daí o advento dos novos bairros e de seus loteamentos que seguiam uma concepção de “Cidade Jardim”, isto é, locais inspirados nos preceitos de “urbe” de Ebenezer Howard. Howard propôs uma alternativa aos problemas urbanos e rurais que se apresentavam. A cidade era o espaço das oportunidades, mas tinha problemas relacionados ao excesso de população e à insalubridade. Por outro lado, o campo possuía a natureza, o sol e as águas, mas sofria com a falta de empregos e de infraestrutura. A solução era reconduzir o homem ao campo, através da criação de atrativos. Havia uma terceira alternativa, além das vidas urbana e rural, que seria o que ele chamou de Cidade-Campo.

Os novos bairros deveriam oferecer as vantagens e os serviços dos grandes centros, associados à beleza e à tranquilidade da vida no campo. Conforme anúncio da época:

Vila Assunção, o balneário aristocrático, continua sendo o ponto de preferência da sociedade porto-alegrense. Surgida há bem pouco tempo, graças aos esforços dos conhecidos homens de negócios, proprietários do local, a nossa capital pode contar com tão agradável ponto de reunião. Largas avenidas, ruas calçadas, ótima praia, bares e restaurantes, foram passos iniciais dos organizadores do balneário. Moldada nos lindos e modernos balneários uruguaios, a Vila Assunção obedece aos contornos do rio Guaíba, com uma vista amurada a servir de apoio entre os largos passeios e a praia propriamente dita (SCHIDROWITZ, 1942: 55).

Figura 11 - Anúncio divulgando o novo balneário/1938



Fonte: SOCIEDADE DE ENGENHARIA. **Boletim**, Porto Alegre, n. 31, jan. 1940.

Na realidade, toda a paisagem citadina de Porto Alegre, nesse período, passou por uma grande transformação e esta remodelação da nova cidade empreendeu também mudanças na urbanização da orla do Guaíba na Zona Sul. Esta modernização empreendida na cidade a partir de então foi decorrente também do progresso e dos avanços tecnológicos surgidos naquela época.

Figura 12- Vista aérea do loteamento do Balneário Ipanema/1931



Fonte: Acervo Particular de Antenor Ferrás Vieira Filho.

Assim tentou-se desvelar o veraneio de antigamente. Um tempo de vida, de cotidiano, de natureza preservada e rio limpo, que não mais existe. Momentos vividos em bairros com ares de cidadezinha do interior, pacata e tranquila, transformada, tempos mais

tarde, em um local notadamente residencial, movimentado e urbano. Um tempo que vai bem longe, mas que se traduz no imaginário daqueles que, pela oralidade, contribuíram para o resgate desta parte da história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Das transformações pelas quais passaram os bairros analisados, suscita uma reflexão: da sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes, e das antigas chácaras, restaram para a posteridade a memória documental e o imaginário, elementos construtores de uma história, a partir da oralidade, transmitida e registrada para o conhecimento dos mais jovens. E é nesse mapa antigo da cidade, onde, debruça-se o olhar nostálgico da memória viva, resgatando no tempo, e permitindo afirmar que a história não acabou. Ipanema e Tristeza certamente continuarão sua trajetória de crescimento e mudanças, mas sempre com narradores memorialísticos ou os homens-memória na trajetória do tempo.

É importante que se diga que a história do veraneio na orla do Guaíba não se esgota. Existe, ainda muito para registrar. Faz-se necessário que as histórias dos antigos veraneios nas águas do lago sejam reveladas, não apenas as da Zona Sul de Porto Alegre, mas também de outros lugares onde a deambulação foi prática constante desde a primeira metade do século dezenove.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças dos velhos. SP: Companhia das Letras, 1994. CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931.

DREHER, Martha Elisabeth. **Nossa chácara**. Carta escrita em 1970.

DREHER, Martha Elisabeth. **Carta escrita em 1970**. Acervo da Família Dreher.

DUMAZEDIER, Joffer. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

EBENEZER, Howard. **URBANISMO**, planejamento urbano e planos diretores. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2008/10/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>>. Acesso em: 25 jun. 2014).

FLORES, Hilda. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

HUYER, André. **A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. [Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza].

MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.

PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1996, II v.

PESAVENTO, Sandra J. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultural social**. Porto Alegre: Sulina, 1969.

SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SCHIDROWITZ, Léo J. **Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha**. Porto Alegre: Cosmos, 1942.

SOCIEDADE DE ENGENHARIA. **Boletim**, Porto Alegre, n. 31, jan. 1940

SOUZA, Célia Ferraz. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1997.

## ENTREVISTAS:

BELLOMO, Harry R. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 05 dez. 2008.

BROMBERG, Lilian Dorothy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

MASTROBERTI, Maria de L. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 15 jan. 2010.

PICCOLO, Helga Landgraf. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 14 jan. 2013.

SILVEIRA, José Schmitt. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 08 jan. 2013.